

# ARQUITETURA (É) ÉTICA? I

Fernando Fuão<sup>1</sup>

Dirce Eleonora Nigro Solis<sup>2</sup>

A “PIXO 5 – revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade” traz nesse volume a reflexão da arquitetura num período de desestabilidade política e social, onde a questão da democracia está novamente em risco, chamando-nos de alguma forma a conchamar a arquitetura viva de ação e ao comprometimento dos arquitetos. A temática “ARQUITETURA (É) ÉTICA?”, propõe reflexões sobre o papel do arquiteto em tempo de crise política social. O êxito da chamada foi tão grande que devido ao grande número de artigos enviados e aprovados, propusemos distribuir em dois números: a Pixo 5 e a Pixo 6.

Consideramos que essa temática tocar questões pouco divulgadas em outros periódicos como: formação profissional, reflexões sobre para quem se pesquisa, a questão da extensão na universidade, assim como as críticas às práticas pedagógicas ultrapassadas conservadoras e até reacionárias que são praticadas dentro das disciplinas de projeto; buscamos sobretudo nessa chamada a busca de novas práticas pedagógicas dentro da graduação e temas decorrentes como: ocupações, interferências urbanas ou participações performáticas. Relembramos também a importância historiográfica dos arquitetos progressistas brasileiros dos anos 60-70. Nesses dois números estão representados ainda temáticas como: o direito à moradia, as políticas habitacionais, arquiteturas participativas com recicladores, catadores, moradores de rua, e novas experiências de escritórios voltados para coletivos e associações.

Quando clamamos a ética, devemos atentar que, tal como tradicionalmente nos referimos a ela, a ética é produto de todos os centrismos e hierarquizações logocêntricas que a perspectiva desconstrucionista contemporânea quer criticar. Preferimos, então, falar de ‘domínio ético’, mas não da ética; no sentido de deslocar a perspectiva de nossa análise sobre a arquitetura para um caminho em que possamos ir além de toda estrutura metafísica ou logocêntrica que sempre sustentou o pensamento clássico ocidental hegemônico da formação do próprio arquiteto. Desviamos assim o pensamento sobre a arquitetura para o âmbito do ético, não mais preso à lógica identitária, mas àquela da recepção ao ‘Outro’ como pura alteridade. O ético surgirá, então, na arquitetura como hospitalidade incondicional, domínio do im-possível ou do in-decidível. Ao invés do impasse estagnador, atual, de um “sem saída”, consideramos o domínio aporético como ponto de partida para caminhar adiante carregando nosso legado e na companhia de todos os mestres que enfrentaram essa tempestade que volta a nos assolar, fazendo com que tenhamos que retroagir para nos orientarmos. Um começo, por assim dizer, um deslocamento para fora, para além dos limites do logocentrismo arquitetônico que tem enquadrado e obstaculizado nosso pensamento.

<sup>1</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese ‘Arquitectura como Collage’, Pós Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ sob a supervisão da Filosofia Dra. Dirce Solis (2011-12). Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS). E-mail: fuaofernando@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Possui graduação em Filosofia pela Universidade Santa Úrsula (1971), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1981) e doutorado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: dssolis@gmail.com

A partir dessas considerações iniciais, podemos afirmar que ninguém se torna arquiteto oficialmente passando por uma formação que vise apenas questões de ordem técnica do conhecimento, como prática de projeto ou teoria arquitetônica autônoma, retórica, gramatical de formas e funções, mas a questão ética também se faz necessária em toda sua carreira e na prática profissional. Pois, quando se fala no domínio do ético, deve-se tratar, antes de mais nada, de uma ética que aconteça em sua formação dentro da academia. Na realidade, não há uma disciplina intitulada ética que abra espaço em nossa formação para a discussão contemporânea dos deslocamentos ético-políticos imprescindíveis para a consecução da profissão. O que em geral aprendemos sobre ética não é propriamente do domínio ético, mas sim de uma prática comercial mercadológica na que se utiliza apenas o bom senso e que é sustentada na questão demiúrgica da criação.

Nesse número 5, procuramos agrupar os artigos que nos chegaram sob alguns temas afins. Fernando Fuão e Dirce Eleonora Nigro Solis fazem a abertura com o artigo *Da dimensão ético-política e sua relação com a democracia por vir na Arquitetura*; na sequência temática Jose Carlos Freitas Lemos em seu artigo *Arquitetura ética da alteridade* evidencia o processo de exclusão e hostilidade que a forma de nossas cidades está tomando, a fuga para o interior das moradas puras e limpas e o consequente distanciamento do rosto do outro que insuportavelmente indaga questões éticas. Essa indiferença e intolerância produz a naturalização da violência, que incapacita perceber o padecimento do outro numa postura de cumplicidade com a injustiça, na sequência de seu artigo Lemos traz à tona a importância das ocupações urbanas

O esclarecedor artigo *El discurrir ético em la arquitectura contemporânea* de María Verónica Machado explica desde o conceito originário de ética assim também as formas que se dá o discurso ético contemporâneo na arquitetura. Para a autora os discursos éticos na arquitetura contemporânea podem ser divididos em três vertentes: a primeira, submersa no individualismo e na primazia do ‘eu’ sem se importar com os demais, incentivando a boa vida e a desigualdade social e de gênero. A segunda se inscreve no mundo da obediência, de seguir as pautas que se estabelecem desde o centro do poder, das normativas vigentes. E, a terceira, e aqui é a que mais nos interessa, é aquela que evidencia um entendimento das dinâmicas de hoje e seu cenário de fundo: a multiplicidade, a leviandade da realidade, e as sentenças de vida boa, boa vida em vez de uma qualidade de vida, de uma ética mínima.

Dentro ainda desse bloco, para Daniel Marostegan Carneiro em seu ensaio *Aproximações entre arquitetura e urbanismo e movimentações sociais contemporâneas: debates necessários*, o entendimento expresso do tema “Arquitetura (é) ética?” passa necessariamente pela abordagem de um conjunto de questões que se relacionam entre si: o paradoxo da função social inata – mas muitas vezes negada - da arquitetura e da cidade, a conformação predominantemente elitista do referido campo profissional, a prevalência dos saberes teóricos sobre os saberes práticos, assim como a visão positivista predominante na formação profissional na área. Tais questões trazem ao foco dos debates as relações entre arquitetura e democracia, sugerindo muitas outras questões: com quem? para quem? de que forma? e, a arquitetura é democrática?

Um segundo bloco temático carrega a questão da população em situação de rua. Daniela Mendes Cidade, em seu artigo *Entre a ética e a poética, o ato fotográfico*, nos proporciona a leitura de uma experiência através da fotografia participativa e compartilhada com os alunos da Escola Porto Alegre - moradores de rua e participantes do projeto de extensão universitária “A Cara da Rua”, ação essa que se iniciou no “Programa Universidade na Rua” (UFRGS. 2015-16). Para eles, o objeto é a cidade e as pessoas que nela vivem, como é o viver, e “reexistir” nas ruas. Os registros fotográficos realizados pelos moradores de rua se transforma então em cartões postais, não só

como forma de entendimento do mundo mas também de geração de renda que eles vendem nos cruzamentos das ruas. O ponto de partida é o exercício fotográfico que propõe uma leitura do corpo durante o ato fotográfico como ação. Daniela Cidade trata do tema do abandono do sujeito à sua própria sorte nas ruas da cidade e o enfraquecimento dos princípios éticos tomamos como referência o pensamento de Derrida sobre hospitalidade. A conclusão aponta para o fato da performance do ato fotográfico como um deslocamento dentro do próprio espaço de vivência capaz de criar novas formas de integração social. Dentro, ainda, do Programa de Extensão “A Universidade na Rua”, Marcelo Kiefer traz sua experiência na ação *Filosofia com moradores em situação de rua*, onde três professores desenvolveram uma atividade de filosofia com moradores em situação de rua com o objetivo de refletir em conjunto sobre as condições pessoais e sociais, trabalhando o “dar-se conta”, a comunicação e o protagonismo para permanências e transformações dessas condições. A atividade foi desenvolvida também dentro da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre, e é criticamente relatada, como experiência, neste artigo.

Outro bloco temático foi o mundo digital, onde se apresentam dois artigos: *O ciberespaço versus a busca por uma postura fenomenológica em arquitetura e urbanismo* de Gabriel Alvariz Lopes, no qual discute a dialética da busca por uma postura fenomenológica em arquitetura e urbanismo na era da cibercultura e do ciberespaço, onde as noções de espaço e de tempo se dissolvem. E traz da filosofia e da teoria da arquitetura e urbanismo os conceitos fundamentais sobre os temas envolvidos com o objetivo de, despertar acerca dos efeitos do ciberespaço sobre as relações do indivíduo com a arquitetura e com a cidade, numa sociedade cada vez mais atrelada ao mundo virtual. O artigo de Flávia Ballerini: *Fabricação digital e arquitetura para além da superespecialização dos arquitetos em direção à colaboração* analisa os desdobramentos da implementação dos laboratórios de fabricação digital nas escolas de arquitetura no Brasil. Visa politizar a discussão para que este fato seja tratado, principalmente nas universidades públicas, no âmbito de projetos de extensão que levam em conta o uso de novas tecnologias como inflexão para a arquitetura se posicionar diante das políticas públicas de habitação e uso do espaço urbano, de forma a pensá-lo mais democrático.

O contundente artigo *O legado dos megaeventos para as cidades sede* de Acrícia Colemberg de Oliveira, trata dos impactos para as cidades brasileiras que sediaram os megaeventos e mostra através de uma análise crítica as medidas adotadas para realizar as intervenções urbanas necessárias. E questiona até que ponto esses projetos foram positivos para a mobilidade urbana e para a população após o término desses eventos. Se eles foram realmente ‘aproveitados’ pela população ou foram apenas investimentos abandonados após os megaeventos. Ou, como no caso da duplicação da Avenida Tronco de Porto Alegre, obra analisada no estudo de caso, que sequer conseguiu ainda hoje ser terminada. Para a autora deve ser refletido qual o é o preço que se paga por isso. Na maioria dos casos essas intervenções realizadas causam transtornos, gastos do dinheiro público e quem deveria ser privilegiado com as alterações do desenho urbano muitas vezes acaba sendo prejudicado. Completando a seção artigos e ensaios temos o artigo intitulado *A produção de mapas cartográficos e a ética na fronteira Brasil – Uruguai*, de autoria de Vanessa Forneck, Lais Becker Ferreira, Eduardo Rocha, Flavio Almansa Baumbach, Valentina Machado e Bianca Ramires Soares, trata da experiência na produção de mapas sobre a linha de fronteira do sul do Brasil numa perspectiva de heterogeneidades e multiplicidades, na busca por uma leitura mais ética do que estética dos territórios na contemporaneidade.

Contamos ainda na seção Resenha com a contribuição de Carlos Mario Fisgativa, que nos faz um relato sobre o texto *Les Arts de L'espace Écrits et interventions sur l'architecture*, de Jacques Derrida.

Finalizando essa edição na seção Parede Branca com o espetacular ensaio fotográfico e manifesto de Carlos Nigro, intitulado *Arkhithos*, que também ilustra as capas e páginas separadoras de seção das edições 5 e 6 da Pixo; o bellissimo ensaio gráfico *Desenho, Observação e Narrativa* de Guilherme Galdo Ruchaud; o registro fotográfico da experiência *Janes's Walk – Cartografia da Hospitalidade*, do grupo formado por Celma Paese, Carlla Volpatto, Cassya Netto Vargas, Dandara Copetti, Gabriela Ferreira Mariano e Lizandra Machado Moreira.